

Projeto Afrika Tembo, À Procura dos Guardiões de Elefantes Africanos

Na luta contra a extinção dos elefantes africanos, documentaristas brasileiras viajaram à região norte da Tanzânia à procura de seus verdadeiros guardiões.

*Texto de Carolina Caffé
Fotos de Fernanda Lenz*



Foto 2



A fotógrafa Fernanda Lenz, à esquerda, e a antropóloga e documentarista Carolina Caffé, à direita, juntas em uma missão junto aos guardas florestais da área de conservação Randilen.

Projeto Afrika Tembo, A Procura dos Guardiões de Elefantes Africanos

Era pôr do sol quando o avião de dupla hélice aterrissou ao pé do monumental Monte Meru, fazendo muito barulho e poeira na cidade de Arusha, norte da Tanzânia. Descendo as escadas do minúsculo avião, já podíamos perceber a imensidão das terras africanas. A Tanzânia, considerada um dos países mais pobres da África, provou ser também um dos mais ricos em biodiversidade, cultura e vida selvagem. Começava ali uma longa e cinematográfica jornada que nos levaria a experiências arriscadas, porém inesquecíveis. Nossa missão na Tanzânia foi mesclar o olhar antropológico com a arte documental para conhecer de perto o declínio catastrófico do número de elefantes africanos e, principalmente, seus verdadeiros guardiões.

O risco da extinção dos elefantes parece um mito do mundo moderno, e no entanto é uma realidade urgente. Segundo dados recentes do Governo da Tanzânia, a população de elefantes no país caiu de 109.000 animais em 2009 para 51.000 em 2016. Neste período, pelo menos 45 toneladas de marfim vindos da Tanzânia atingiram o mercado negro internacional, tornando o país a maior fonte em escala industrial de marfim contrabandeadoo mundo. Os elefantes africanos estão sendo dizimados e suas presas utilizadas para a confecção de joias, teclas de piano, selos de assinaturas, itens religiosos e trabalhos de escultura.

Mas não é apenas o contrabando ilegal de marfim que está colaborando para a dizimação da espécie. Com o crescimento populacional humano e o desenvolvimento econômico do país, a disputa por terras acirra o conflito entre homens e elefantes, transforma e segregar o ecossistema do animal, prejudicando sua circulação e a capacidade de encontrar alimento e água. Os parques nacionais do país não são cercados, os elefantes migram para áreas externas aos parques e cruzam vilarejos. É aí que está o desafio para um time de guardiões que envolve o governo da Tanzânia e governos internacionais, ONGs, agências internacionais e comunidades locais: assegurar a vida da espécie também fora das áreas protegidas.

Foto 3



Uma família de Maasai pega carona no carro dos guardas florestais na volta para casa. “Existem muitos problemas com os elefantes porque nós cultivamos e os elefantes comem nossas plantações. Eles também destroem os canos de água, e as mulheres não conseguem trazer a água para a vila por medo de serem atacadas”, diz Moggi, morador da vila de Nafco, parte da área de conservação em Randlen, nordeste da Tanzânia. Maasai Mara, Tanzânia, Outubro 2015.

Foto 4



Abraham, comandante dos guardas florestais de Randilen. "Se você não ama o conservacionismo é difícil ser um guarda florestal, pois há muitos desafios e você põe a sua vida em risco. Nós lutamos com pessoas armadas, só que nós não temos armas. Também caminhamos de noite entre animais selvagens perigosos. Então ser um guarda-florestal é entregar a vida ao conservacionismo, e não ao salário." Maasai Mara, Tanzânia, Outubro 2015.

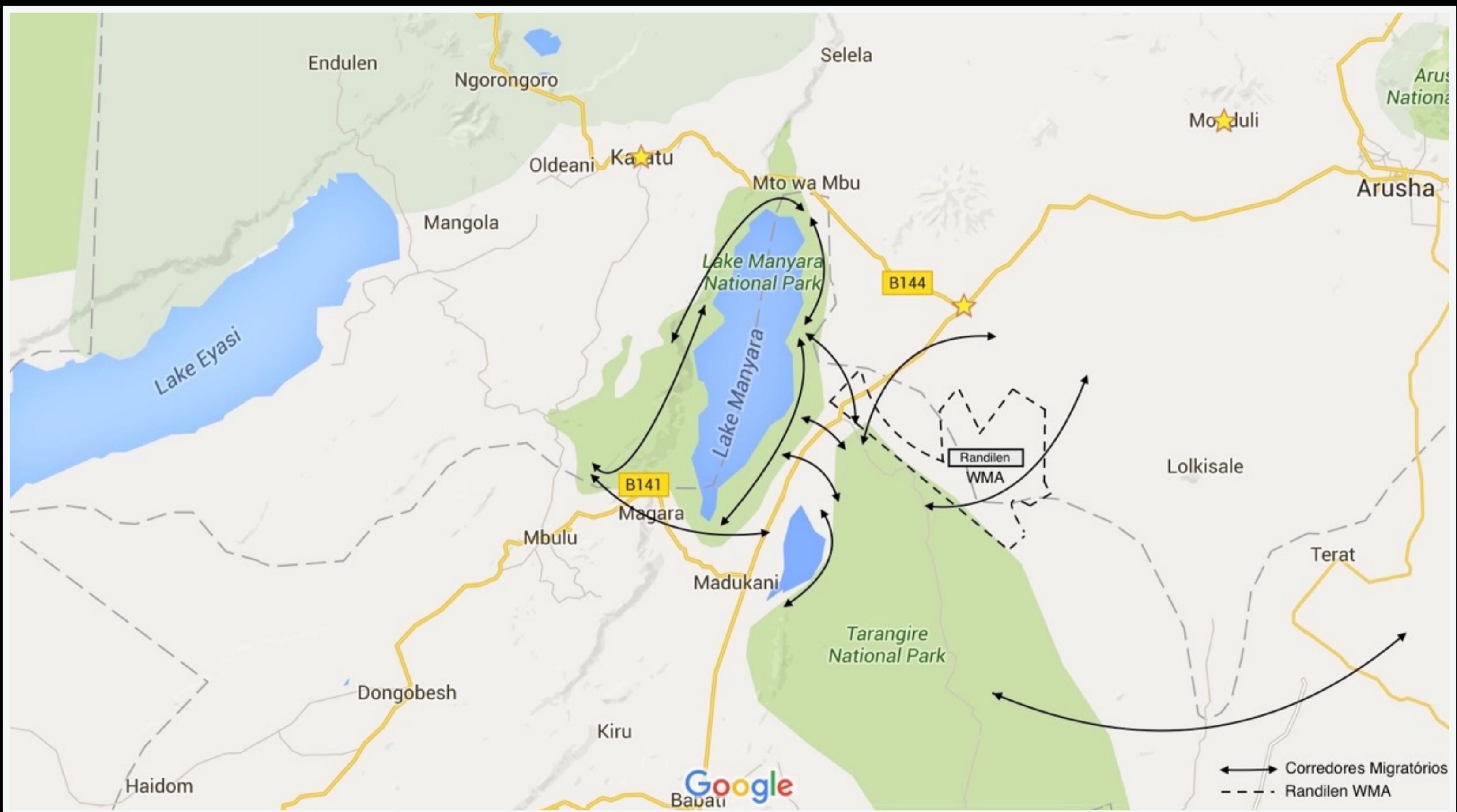
Acampamento com os guardas florestais de Randilen

Após duas semanas de viagem e pesquisas junto a organizações e comunidades na região norte da Tanzânia, decidimos mergulhar savana adentro e acampar, durante uma semana, junto ao grupo de guardas florestais da área de conservação Randilen WMA, acompanhando de perto a arriscada luta diária do grupo pela vida das savanas e animais selvagens. Os guardas florestais da Randilen WMA são membros de diferentes comunidades rurais da região, e passam por um treinamento militar para a defesa da vida selvagem.

Espalhada por 315 Km² de savana arborizada, Randilen encontra-se no distrito de Monduli, na região de Arusha. A área abarca 15 vilas e envolve um corredor migratório crucial por onde elefantes e outros animais selvagens se deslocam entre o Parque Nacional Tarangire, Manyara Ranch, e outras áreas protegidas. A região compõe um importante circuito turístico no norte da Tanzânia, movimentando cerca de US\$ 2.000.000 (muito baixo o valor) por ano, tornando-se um importante foco de conservação da vida selvagem. Em 2003, por decreto, a região se tornou Área de Monitoramento da Vida Selvagem (Randilen WMA - Wildlife Management Area), um modelo de conservação de base comunitária.

O modelo busca fortalecer o vínculo entre o desenvolvimento das comunidades rurais, investimentos e conservação da vida selvagem e seu habitat. A lógica é que as comunidades locais se beneficiem financeiramente do turismo e da maior autonomia na gestão da área, motivando-os, desta forma, a apoiar a conservação da vida selvagem. A WMA autoriza organizações de base comunitária a realizar a gestão do dia-a-dia da área, completando planos de uso da terra e trabalhando diretamente com as empresas para implementar atividades de geração de renda em benefício das comunidades locais, como a apicultura, pesca, monitoramento, colheita de madeira e o turismo, principal fonte de receita.

Foto 4



Randilen WMA, área de conservação e proteção dos animais selvagens de base comunitária no ecossistema Tarangire-Manyara

Foto 5



Elefantes selvagens em Randilen. A maioria migra do Parque Nacional Tarangire, principal berçário de elefantes do país. Esta família pausa para beber água de um poço localizado em frente a um resort de luxo em meio a savanna de Randilen, uma forma de prover água aos elefantes em tempo de grande seca e também atrair turistas que viajam do mundo todo para chegarem o mais perto possível dos elefantes africanos.

Foto 6



As Zebras em Randilem. Frequentemente vimos grandes bandos na área, muitas vezes junto a Gnus.

Foto 7



O comandante Abraham em frente a sua cabana no acampamento dos guardas florestais de Randilen. O acampamento é formado por seis bangalôs de duas camas, uma cozinha coletiva e um banheiro a céu aberto: a casa de homens que deixam suas vilas e famílias para passarem o resto do mês imersos na savanas de Randilen, protegendo as matas e os animais selvagens. Maasai Mara, Tanzânia, Outubro 2015.

Ao chegar no acampamento dos guardas florestais de Randilen, envolto por majestosos baobás, fomos recebidas por uma família de elefantes que se alimentava nos arredores. Os elefantes africanos das savanas são animais gigantescos, porém se movem silenciosamente de uma forma muito suave. Para comer eles usavam as suas trombas, de forma muito gentil e articulada, para puxar as folhas dos arbustos e árvores. Quando a noite caiu a escuridão era tanta que as estrelas preenchiam qualquer espaço do horizonte. Entre as estrelas e as árvores ainda podíamos sentir a presença dos gigantes.

No primeiro dia de acampamento, mal podíamos imaginar que em tão pouco tempo iríamos testemunhar três missões que resumiriam em cheio as principais ameaças à vida da espécie: o apaziguamento de um conflito entre homem-elefante, o confisco de um comércio ilegal de carvão vegetal e a captura de caçadores ilegais.

Foto 8



Os guardas florestais de Randlen a caminho do apaziguamento de um conflito homem-elefante. “Recebemos uma ligação de um vilarejo invadido por elefantes. Estábamos sem combustível, e quando finalmente chegamos lá, os elefantes não estavam mais. Se tivéssemos encontrado, teríamos os assustados com bombas, tochas ou com o próprio carro para eles voltarem para o parque Tarangire” conta Christopher, guarda florestal de Randlen. Maasai Mara, Tanzânia, Outubro 2015.

"Nem sempre é fácil ter um elefante no seu quintal", afirma Damian Bell, diretor da Fundação Honeyguide. A ONG, além de fomentar a parceria entre comunidade e turismo na região, é um dos principais parceiros dos guardas florestais de Randilen, fornecendo assessoria, ferramentas e tecnologias aos grupo. "Um dia você acorda de manhã e seu terreno está vazio, e é porque um elefante veio e comeu toda a sua plantação, que forneceria alimentos para um ano todo. Fica difícil falar sobre conservação para um sujeito nestas circunstâncias. Ano passado, tivemos cinco pessoas mortas por elefantes quando tentavam proteger suas plantações", conta. Bombas, lanternas, cataventos sonoros e cercas de pimenta são algumas das ferramentas desenvolvidas pela Fundação Honeyguide para apaziguar o conflito entre homem-elefante. Um dos principais objetivos da organização é fazer com que as comunidades deixem de encarar os animais selvagens como inimigos e aprendam a se beneficiar da sua proteção.

Foto 9 - Opção A



Confisco de um comércio ilegal de carvão vegetal. "Recebemos um telefonema de um informante sobre um acampamento de carvoeiros ilegais dentro de uma das áreas operacionais de Randilen. Fomos lá e encontramos o acampamento. Fizemos uma emboscada e eles fugiram." conta Christopher, guarda florestal de Randilen. Maasai Mara, Tanzânia, Outubro 2015.

Foto 9 - Opção B



Confisco de um comércio ilegal de carvão vegetal. "Recebemos um telefonema de um informante sobre um acampamento de carvoeiros ilegais dentro de uma das áreas operacionais de Randilen. Fomos lá e encontramos o acampamento. Fizemos uma emboscada e eles fugiram." conta Christopher, guarda florestal de Randilen. Maasai Mara, Tanzânia, Outubro 2015.

Os impactos no ecossistema dos elefantes é outro fator agravante que ameaça a espécie. Desde a independência da Tanzânia (há 47 anos), a população humana aumentou quase seis vezes, passando de 8 milhões para 47 milhões de pessoas. Os elefantes necessitam de áreas amplas e buscam locais onde haja pasto e água, e com o passar do tempo estas áreas vão sendo divididas devido ao crescimento da população humana. "Os plantios em linha para o consumo, os assentamentos, o maior número de áreas com cercas, tudo isso acaba limitando o movimento dos elefantes e afetando-os", afirma Matthew Brown (*The Nature Conservancy's Africa Program*). Para Alphonse Mallya, (*The Nature Conservancy's Africa Program*), é fundamental um planejamento de uso das terras. "Procuramos estabelecer planos de utilização da terra das áreas externas aos parques para combinar as atividades humanas com os movimentos da vida selvagem", diz o especialista enquanto mostra mapas e análises de assentamento durante a entrevista.

Foto 10



Captura de caçadores ilegais. "Um informante nos contou sobre caçadores ilegais de antílopes e conseguimos capturá-los. Os informantes são parte muito importante do nosso trabalho, porque apesar de virmos das aldeias, vivemos no mato na maior parte do tempo e não temos acesso a informação. Informantes vivem nas aldeias, e quando os caçadores ilegais planejam a caçada, eles o fazem nas aldeias." revela Christopher, guarda florestal de Randilen. Maasai Mara, Tanzânia, Outubro 2015.

Foto 11



Um bar na vila de Nafco, onde estava o homem suspeito a ser o segundo caçador da matança ilegal de antílopes para a venda da carne na cidade. Mesmo que a Tanzânia é a segunda maior economia entre os países da África Oriental, a sua forte dependência da agricultura como a sua principal fonte de renda faz a Tanzânia um país economicamente instável. A pobreza generalizada e desemprego são os maiores problemas econômicos do país. Maasai Mara, Tanzânia, Outubro 2015.

Os caçadores capturados pelos guardas florestais de Randilen haviam matado 6 antílopes. Logo que os encontramos, percebemos que não se tratava de uma caça aos elefantes. Como explicou o conservacionista Pratik Patel (African Wildlife Trust), "não se trata de uma ou duas pessoas locais envolvidas na caça ilegal aos elefantes. É um sindicato de crime altamente organizado, há pessoas envolvidas em todos os níveis, seja para atirar, como para arrancar as presas, transportar e exportar o marfim. Eles possuem veículos especializados, caminhões de reserva se for preciso, e até helicópteros durante a caça. São pessoas com técnicas altamente sofisticadas, a maioria treinada militarmente, excelentes atiradores, e de uma maneira ou outra estão envolvidos em algum tipo de guerrilha ou grupo terrorista, usando os recursos financeiros advindos da caça ilegal do marfim para comprar munição e armas para as milícias".

O comércio de marfim internacional foi proibido em 1989, mas por pressão do Japão e China, em 2008, a venda de estoques de marfim e o comércio de marfim velho foram autorizados, facilitando o contrabando e o comércio ilegal e acelerando a morte dos elefantes africanos. O marfim é parte intrínseca da cultura oriental chinesa, símbolo de prosperidade e sorte há centenas de anos, e cresce conforme a classe média chinesa emerge rapidamente. Em setembro de 2015, o atual presidente da China Xi Jinping prometeu fechar o comercio domestico de marfim no país, um importante passo para a redução do consumo do marfim.

Vida longa aos elefantes africanos

Durante nossa primeira jornada à Tanzânia, tivemos o privilégio de aprender com importantes lideranças conservacionistas e testemunhar de perto a luta pela proteção dos elefantes africanos. Estar presente junto a essas majestosas criaturas e ter a oportunidade de observá-los em seu habitat natural, foram experiências inesquecíveis e transformadoras. Pudemos compreender o quanto desafiador será manter a espécie no planeta, e fazer com que todos "cantem a mesma música", uma canção que desenvolva o país protegendo a vida selvagem. Os guardiões dos elefantes africanos são um time que trabalha em rede, estendendo-se do governo às comunidades locais, agências e movimentos internacionais. A consciência global e o regulamento internacional são peças fundamentais nessa luta para conter o consumo de marfim.

Os WMAs na Tanzânia, como Randilen, representam uma nova abordagem de conservação da vida selvagem, que aposta na descentralização da gestão e uso da terra, através do empoderamento das comunidades locais. Os guardas florestais de Randilen provaram ser guardiões indispensáveis na luta diária em defesa dos elefantes, mas insuficientes se não acompanhados também de uma estratégia ampla e coordenada de planejamento de uso das terras e da participação efetiva das comunidades locais na gestão destas terras, nos benefícios trazidos pelo turismo, e na conservação da vida selvagem.

"Ainda temos um longo caminho pela frente", afirma Melembuki Meishurie, secretário geral dos WMAs, "precisamos sentar junto àqueles que não querem envolver as comunidades no sistema e criar a consciência de que sem elas, iremos perder nossos animais selvagens".